

AS PALAVRAS-CHAVE PARA UM COLEGA

Será um defeito de quem dirigiu projectos de investigação, publicou artigos em revistas, procurar sempre seleccionar as palavras-chave do que se escreve. Também as pessoas têm palavras-chave que as retratam e resumem. No caso do Prof. Joaquim Fonseca – o linguista e o homem – talvez uma única palavra sirva como palavra-chave, ao mesmo tempo caracterizadora e resumidora: “pragmática”. Aliás, esta palavra, no seu sentido actual, quanto é do meu conhecimento, foi por ele introduzida em Língua Portuguesa, melhor dito, na Linguística feita em Portugal. Isto leva-me ao encontro de enunciado inferível dessa palavra-chave, para mim também um enunciado-chave: o que vemos ou aquilo em que acreditamos afecta o modo como vemos as coisas. Isto é, se definimos o homem como “animal loquens” (ou “homo loquens”), o linguista como “homo grammaticus”, neste caso concreto teremos o “homo pragmaticus”. As regras de quantidade de Grice aplicam-se à justa: não mais nem menos do que é necessário e imprescindível ou o “quantum satis” da retórica clássica: se se pode ir com uma perna não se usam as duas, se uma mão dá conta do recado não se utilizam as duas, se uma palavra é suficiente, para quê empregar mais do que essa palavra. A vida e a profissão identificam-se convergindo na pragmática.

Mas a palavra-chave “pragmática” depois expandiu-se em análise do discurso – a sua outra palavra-chave – e aqui nasce o “homo rhetoricus”: em que a descrição e a inferência se jogam na ocultação por detrás das palavras, em que não se lineariza claramente o entendido e o “intendido”, o posto e o pressuposto, o implicado e o implícito. A perspectiva fotográfica aqui não funciona, o conhecimento e a explicação não se adequam completamente à visão.

Estas duas palavras-chave – pragmática e análise do discurso – fornecem a explicação de atitudes e acções: saber ouvir, ser capaz de perceber as coisas e ter a percepção da decisão adequada. Trata-se de um silogismo.

Durante muito tempo, os corredores da Faculdade recordarão as suas gargalhadas sonoras que soltava, sobretudo, quando ouvia anedotas no seu grupo restrito de amigos.

Mário Vilela